Entre vozes e ecos: o (des)pertencimento e seus danos em *Morte no Paraíso*:
a tragédia de Stefan Zweig, de Alberto Dines e *Os Emigrantes*,
de W. G. Sebald

Carla Luciane Klos Schöninger¹

Resumo: Muitas vozes e ecos ressoaram no Pós-Guerra, elementos esses, que continuam sendo analisados na contemporaneidade. Neste sentido, propõe-se um estudo comparado entre os livros *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e a quarta narrativa - "Max Aurach" - de *Os Emigrantes*, de W. G. Sebald. O primeiro remete ao destino de Zweig, como protagonista que viveu os embates, tristezas, fuga, sentimento de (des)pertencimento. O segundo, nas vozes do narrador, que ouve os ecos ressoantes de pessoas que vivenciaram a Segunda Guerra e do personagem Aurach, representando uma vida assombrada pela guerra. Ambas as obras evidenciam traços da memória como discurso de resistência e infelicidade, dando lugar à escrita melancólica: uma em que há o padecimento trágico e a outra que busca desvendar um passado velado. Apoiados principalmente nos estudos de Homi Bhabha, em *O local da cultura*, e em Stuart Hall, *Da Diáspora*, estudaremos aspectos como a dispersão dos povos, de exilados, emigrantes e refugiados, marcando o entre-lugar e a experiência diaspórica. Os danos para Zweig foram irreparáveis na vida, encontrou solução na morte. Já Sebald tentou reparar os danos através dos ecos de outrem, seu protagonista termina em um hospital, com o rosto cor de cinza.

Palavras-chave: (Des)pertencimento; *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*; *Os Emigrantes*.

Zusammenfassung: Viele Stimmen und Echos erklangen in der Nachkriegszeit, Elemente, die auch in der heutigen Zeit analysiert werden. So, wird ich eine vergleichende Studie vorschlagen zwischen den Büchern *Tod im Paradies: die Tragödie des Stefan Zweig*, von Alberto Dines und der vierten Geschichte „Max Aurach“- von *Die Auswanderern*, von W. G. Sebald. Der Erste bezieht sich auf das Schicksal von Zweig als dem Protagonisten, der die Zusammenstöße, die Trauer, die Flucht und das Gefühl der (Un)Zugehörigkeit erlebt hat. Die Zweite, in den Stimmen des Erzählers, der das Echo von Menschen hört, die den Zweiten Weltkrieg erlebt haben, und die Figur Aurach, die ein vom Krieg heimgesuchtes Leben darstellt. Beide Werke zeigen Erinnerungsspuren als Diskurs über Widerstand und Unglück, die melancholischen Schriften entsteht: eine, in der tragisches Leid herrscht, und die andere, die verborgene Vergangenheit enthüllen will. Hauptsächlich gestützt auf die Studien von Homi Bhabha *Die Verortung der Kultur* und Stuart Hall, *Von Diaspora*, wir werden Aspekte wie die Zerstreung von Völkern, Verbannten, Auswanderern und Flüchtlingern untersucht, unterstreichen die Zwischen-Ort und die diasporische Erfahrung. Der Schaden war für Zweig irreparabel im Leben, er fand Lösung im Tod. Sebald hat durch die Echos von die anderen, seinen eigene Schaden reparieren versucht, sein Protagonist endet in einem Krankenhaus, und sein Gesicht ist grau.

Schlüsselwörter: (Un)Zugehörigkeit; *Tod im Paradies: die Tragödie des Stefan Zweig*; *Die Auswanderern*.

¹ Mestra em Letras (URI). Docente do Instituto Federal Farroupilha, campus Panambi. Doutoranda em Letras (UFRGS). carla.luciane@yahoo.com.br

1 Introdução

“No mar, tanta tormenta e tanto dano
Tantas vezes a morte apercebida.
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida
Onde pode acolher-se um fraco ser humano?,
onde terá segura a curta vida.”
Camões, *Os Lusíadas*.

A Segunda Guerra Mundial deixou muitas marcas, e por isso, ainda hoje, as vozes e os ecos que ressoaram nesse momento histórico e após ele, mesmo que abafados, devem ser resgatados. Neste sentido, propõe-se um estudo comparado entre o livro: *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e o capítulo “Max Aurach”, de *Os Emigrantes*, escrito por Sebald. O texto do biógrafo Alberto Dines remete ao destino de Stefan Zweig como protagonista que viveu os embates, tristezas, traições, fuga, sentimento de (des)pertencimento e a produção de Sebald revela os medos e angústias de um escritor que vive nas sombras do pós-guerra e busca encontrar-se nos ecos ressonantes de pessoas que viveram a experiência da Segunda Guerra. Ambas as obras evidenciam traços da memória como discurso de resistência e infelicidade dando lugar à escrita melancólica: uma em que há o padecimento trágico e a outra que carrega ecos abafados de um sobrevivente.

Devido às incógnitas que assombraram o gesto trágico de Stefan Zweig, sua história teve grande repercussão mundial. Esta dupla tragédia, o suicídio de Zweig e de sua esposa Lotte, resultou na produção de textos e produção cinematográfica que abordassem o acontecimento na tentativa de compreender melhor esse desfecho. Sendo assim, no ano de 1981, Alberto Dines escreveu o livro: *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, desenvolvendo de maneira sublime o itinerário e a morte do austríaco judeu.

Já a construção das narrativas de Sebald se dá através da rememoração de outras vozes que vivenciaram a guerra. Para tal, usa-se como recurso uma elaboração composta de personagens reais e fictícios. O livro *Os Emigrantes* está dividido em quatro narrativas intituladas com nomes dos personagens Dr. Henry Selwyn, Paul Bexter, Ambros Adelwarthe e Max Aurach. O quarto capítulo intitulado Max Aurach apresenta fotos e trechos de escrituras, bem como discurso intercalado entre o narrador e o protagonista Aurach.

Este estudo tem como embasamento teórico Homi Bhabha, *O local da cultura* (1998), que trata da dispersão dos povos num contexto de margens culturais, em que exilados, emigrantes e refugiados passam a reunir-se nas fronteiras, marcando esta temporalidade como entre-lugar. Stuart Hall, no livro *Da Diáspora* (2003), ao tratar das experiências diaspóricas enfatiza que não há uma casa para a qual retornar, prevalecendo a sentimento de (des)pertencimento e Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), tratando de questões concernentes à memória de si e de outrem.

A delimitação temática para este texto está na evidência do sentimento de (des)pertencimento e nos danos causados por este nas vidas de Zweig, Sebald e na do personagem do Aurach, bem como a tentativa desses de superar as angústias e o vazio deixado por lacunas da Guerra.

2. Zweig e Sebald: escritas com resquícios da Segunda Guerra Mundial

Winfried Georg Maximilian Sebald utiliza-se da apropriação de vozes de outros e da rememoração para narrar os acontecimentos e as experiências, retratando uma realidade que não vivera diretamente. O escritor nasceu um ano antes do término da Segunda Guerra Mundial, em Wertach na região do Allgäu, em 1944, filho de uma família católica da Bavária, na Alemanha. Vivenciou um pós-guerra de silêncios e lacunas. As atrocidades do período nazista não foram comentadas, abordadas em diálogos, ou tratadas por determinado tempo, o que deixou ao jovem- ecos abafados daquele tempo.

Em “Max Aurach”, Sebald cria um narrador que aos 22 anos, no ano de 1966, decide mudar-se para a Inglaterra. Há o relato de um indivíduo que não teria vivido diretamente nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, mas sofrera com a expatriação, tendo que viver em outros lugares. Ao viver exilado, não se sente pertencente ao lugar que escolhera para viver, sofrendo indiretamente os transtornos causados pela guerra. Muito se silenciou, rastros foram apagados, assim como arquivos e há também a ausência de sepulturas, há muito que jamais se saberá.

Neste sentido, por muitas vezes os sobreviventes escondem-se no anonimato ou por detrás de vozes dos outros. No caso de Sebald, os pais judeus foram deslocados ao gueto. Ele percebeu no pai George o quanto a guerra o havia atingido emocionalmente, pois não conseguia narrar fatos da guerra, nem ser pai presente, o passado do pai sempre foi uma incógnita. George fora prisioneiro em 1947. Sebald

percebeu somente na juventude a obscuridade e o mistério que configuravam o passado. Conheceu uma Alemanha sombria, foi estudar em Manchester, ouvindo as vozes de outras pessoas que vivenciaram esse fato histórico e com isso produziu escritos que constituíram narrativas capazes de romper o silêncio que o perturbava.

Stefan Zweig nasceu dia 28 de novembro de 1881, em Viena na Áustria. Viena era considerada a capital “da idade da ansiedade, eixo do gênio judaico e a cidade do qual o Holocausto filtrou-se [...] vitrina de antinomia, fusão de decadência com espiritualidade, fábrica dos talentos explosivos e revolucionários” (DINES, 1981, p. 91). Um local de requinte intelectual, mas que fez com que Zweig sofresse com a censura e o exílio. Muitos vienenses procuravam a morte voluntária, em atos desesperados para escapar da leviandade e do supérfluo. Em 1910 ocorreram frequentes suicídios na alta burguesia vienense, o que despertou atenção especial dos psicanalistas.

Neste belo jardim, conciliador e arrebatado, nasceu, cresceu e se formou, junto com o mundo que cantaria e pelo qual se mataria, Stefan Zweig - poeta, biógrafo, novelista, humanizador da História, europeu, cosmopolita, idealista, assimilador e assimilado, viajante infatigável que nunca saiu de onde estava - um homem em busca do Paraíso (DINES, 1981, p. 92).

Na capa do livro *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* há somente a imagem de Stefan, um retrato seu enterrado nas areias do paraíso. Ao seu redor, o verde das palmeiras e atrás a imensidão do mar. Tal metáfora sugere o sentimento de solidão, perda e desgaste do escritor, que se sentia enterrado na amargura e no desapontamento. Mesmo estando no lugar que considerava ideal para passar o resto de sua vida, um paraíso chamado “Brasil”, ele não passava de um eterno exilado: “Não existia, não era. Estava” (DINES, 1981, p. 97). Ele tentou sentir-se patriota no amado Brasil, mas não conseguiu, no fundo tinha plena consciência de que nem mesmo o Éden poderia disfarçar exílios (DINES, 1981, p. 21).

Com as pressões do governo brasileiro, a infelicidade ao lado da jovem Lotte, que se demonstrava cada vez mais doente; a depressão foi inevitável. E “num suicídio tudo conta, pesa tudo: amor demais ou de menos, sucesso muito ou nenhum, chuva na vidraça, céu constrangedoramente azul e limpo” (DINES, 198, p. 21). Qualquer pretexto contribuía para seu estado deprimente.

3. A voz de outrem: entre a biografia e as memórias do outro

O livro *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* foi escrito pelo biógrafo Alberto Dines que narra a trajetória do escritor, as relações pessoais, suas produções escritas, decepções, bem como sua paixão pelo Brasil. Tudo isso, fazendo uso de fotos e escritos pertencentes ao próprio Zweig. No quarto capítulo do livro *Os Emigrantes – “Max Aurach” – W. G. Sebald* constrói um narrador que dá voz às testemunhas. A partir disso, escreve-se a narrativa costurada cuidadosamente com as linhas da memória dos sobreviventes.

O uso das vozes dos outros permite um “preenchimento” do vazio que o narrador possui; o que é o caso do próprio Sebald, que com a apropriação das memórias de outrem faz uma atribuição a si mesmo. Conforme Paul Ricoeur,

no caso da atribuição a si mesmo, o “preenchimento” e seu nome- é direto, imediato, certo; ele imprime em meus atos a marca de uma possessão, de uma minhadade sem distância; uma aderência pré-temática, pré-discursiva, antepredicativa, subtende o juízo de atribuição e a ponto de tornar transparente a distância entre si e suas lembranças, e de dar razões às teses da escola do olhar interior. De fato, o juízo de atribuição somente se torna explícito quando replica, no plano reflexivo, à suspensão da atribuição espontânea a si dos fenômenos mnemônicos; ora, essa abstração não é arbitrária; ela é constitutiva do momento linguístico da memória, tal como a prática da linguagem cotidiana a promoveu, é ela que permite nomear e descrever de maneira distinta o “mental” a *Mind*, enquanto tal (RICOEUR, 2007, p.137).

Ouvir os outros, registrar e arquivar fotos e documentos permite a Sebald produções singulares. Essa apropriação das vozes possibilitou uma melhor compreensão de um tempo que viveu, mas do qual não faz parte. Ele sai de seu país para preencher as lacunas e fazer descobertas. Ouve as vozes dos outros e o personagem Max, é uma das figuras que descreve. Sebald faz uso dessas memórias para configuração narrativa.

Essa palavra de outrem, depositada sobre uma vida inteira, ao preço das dificuldades e dos conflitos que se conhecem, confere um apoio de linguagem, um aspecto decididamente auto-referencial, a todas as operações de apropriação pessoal que gravitam em torno do núcleo mnemônico[...] Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele somos afetados por sua ação[...] Uma fenomenologia do pertencimento e é convidada a dar a si mesma sua conceitualidade própria sem se preocupar com sua derivação a partir de um polo egológico (RICOEUR, 2007, p. 139).

O capítulo “Max Aurach” possui um narrador em primeira pessoa, que não se identifica, mas que se confunde com o próprio Sebald. Uma das primeiras sensações do narrador ao chegar em Manchester era de frio e de confiança, mas declara logo perceber que era uma sensação falsa de confiança. Em Manchester

[...] Portas pregadas, e bairros inteiros arrasados de modo que se podia ver, por cima dessas ruínas, a cidade prodigiosa do séc. XIX [...] Na verdade, podia-se pensar que a cidade fora abandonada por seus moradores, transformada em cemitério ou mausoléu [...] (SEBALD, 2002, p. 151).

O narrador, após a conclusão do trabalho de reconstrução das memórias de Aurach, visita o amigo na enfermaria a fim de que ele aprove sua escrita. Ricoeur considera as pessoas que nos contam suas histórias como “os próximos”. A relação de distanciamento e aproximação para com elas varia, numa dinâmica que está em constante movimento.

Entrementes, meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja experiência e partilha da afirmação que cada um faz de seus poderes e de seus não-poderes, e que chamo de atestação em Si mesmo como um outro. O que espero dos meus próximos, é que aprovelem o que atesto: que posso falar, agir, narrar, imputar a mim mesmo a responsabilidade de minhas ações (RICOEUR, 2007, p. 142).

Aurach o recebeu, mas ficou sentado junto do enfermo, que praticamente nada dizia, numa aparência doentia e esgotada. Estava “cor de cinza cada vez mais exausto” e assim, o narrador saiu e andou pelas ruas.

O livro de Dines traça todo o itinerário do escritor, predominando o caráter biográfico e ao mesmo tempo retratando situações sociais e morais da época, trechos de cartas, depoimentos, fotos, artigos jornalísticos e alguns aspectos literários.

Stefan Zweig se desloca ao Rio de Janeiro, no Brasil, na busca pelo paraíso. Zweig acreditava que no Brasil não iria sofrer com o nazismo, no entanto, passou a viver sob a ditadura de Vargas. O Brasil não era tão livre e aberto como fizeram o escritor acreditar. Zweig logo respondeu que o Brasil o recebera bem, e aguardava o visto de permanência, assim como uma pátria de judeus em solo brasileiro. Stefan Zweig nutria a esperança de ser recompensado por Getúlio Vargas, pensando que o presidente lhe devolveria uma pátria.

O texto *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* possui uma introdução intitulada “Caleidoscópio”, já indicando uma estrutura textual diferenciada em que múltiplos aspectos são abordados sob os diferentes ângulos: “A biografia do biógrafo é um jogo de espelhos, a história do historiador um caleidoscópio - impossível esconder-se, há sempre um ângulo revelando aquele que maneja os prismas” (DINES, 1981, p.17). Alberto Dines é quem manipula seu caleidoscópio, os espelhos são os dados biográficos e o estilo de sua escrita corresponde aos pontos coloridos que surgem e se misturam dando formato a inúmeras imagens abstratas. O leitor, por sua vez, é quem movimenta o caleidoscópio, compreendendo os acontecimentos sob estes prismas, concretizando aspectos da obra.

Ao perder sua identidade nacional austríaca, a carência da nacionalidade era o que perseguia Zweig. A necessidade de visto, autorizações, passaporte para viajar e o fato de ser exilado passaram a lhe afligir. Ele perdera a liberdade de se movimentar, como muitos naquele tempo de guerra, ele se sentia um estrangeiro. O que mais o atingiu foi o fim da Áustria que o tornara um “internacionalista, um miserável apátrida, condenado a esperar em longas filas, junto com Lotte, na porta do Ministério do Interior Inglês para obter uma carteira de identidade e voltar a ser alguém” (DINES, 1981, p.196).

Dines descreve o escritor como “um biógrafo suicida, cronista aterrado, incapacitado de testemunhar” (DINES, 1981, p. 18). Suas páginas destinam-se ao relato da história de um historiador, o qual se tornou extremamente abatido por suas próprias observações, não suportando, por uma lado: sua vida e, por outro, o seu tempo. Um homem “célebre, rico, amado, no auge da maturidade, protegido pelo carinho de uma pirâmide de amigos que ajudou a erigir, não obstante absurdamente corroído pela amargura e pressa” (DINES, 1981, p. 20).

4. O (des)pertencimento e seus danos em *Morte no Paraíso: a tragédia de e Os Emigrantes*

Zweig sentia-se sedentário “num mundo tornado tão móvel e arisco, riscado por tantos êxodos e diásporas, os afortunados sobreviventes deveriam estar quietos, parados” (DINES, 1981, p. 200) Estão vivos, mas são órfãos. Aos 60 anos de idade, Stefan se declara um errante sem pátria.

Quando o narrador do capítulo sobre Aurach chega no hotel Arosa, a pergunta que a anfitriã lhe faz é: *And where have you sprung from?* Parecia que ele fugia de algo. Apareceu na manhã de uma Sexta-Feira Santa. A chegada foi marcada por “quietude e vazio” (SEBALD, 2002, p. 153). No hotel sentia uma “incompreensível sensação de isolamento” (SEBALD, 2002, p.154). Junto do texto há imagens da cidade, sendo uma delas contendo as docas do porto, lugar em que muitos navios entravam e saíam por um grande arco, mas que há anos, já não mais navegavam por tais superfícies.

Homi Bhabha em seu livro *O local da cultura*, trata da dispersão dos povos num contexto de margens culturais, em que exilados, emigrantes e refugiados passam a reunir-se nas fronteiras, convivendo com línguas estranhas e costumes diferentes. Tentam uma nova vida em um lugar que não lhes pertence.

Os motivos desta “disseminação” são vários, cada grupo com seus motivos: perseguição, questões políticas, por fugir de realidades assustadoras. A pergunta elaborada por Mohmoud Darwich: *Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?*, citada por Bhabha, retrata essa insegurança e incerteza. Onde essas pessoas devem buscar a paz, o sossego e renovar as esperanças quando não há mais céu esperando por elas?

A busca e pesquisa de Sebald se tornaram imprescindíveis para sua vida, ele precisa juntar os retalhos do passado para compreender o presente. Em conformidade com Bhabha “os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais” (BHABHA, 1998, p. 207). Ao estar no lugar estranho, como é o caso do personagem de *Os Emigrantes: Max Aurach* e de Stefan Zweig, em sua biografia, uma imagem é criada sobre a ligação que existe com o seu lugar e, ao mesmo tempo, uma imagem do exterior. Para Bhabha há então a temporalidade do entre-lugar.

A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo [...] Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barrada Ela/própria [It/Self], alienada de sua eterna autogeração, torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias pelas histórias heterogêneas de povos em disputa cultural [...] Essa escrita-

dupla ou disseminação não é simplesmente um exercício teórico nas contradições internas da nação liberal moderna (BHABHA, 1998, p. 209-210).

O que ocorre então é que o sujeito se divide entre o território que lhe era familiar e com um significante que “desaparece gradualmente” e o performativo, num efeito determinístico ou “estadista” (BHABHA, 1998, p. 217).

Deste modo, há um sentimento de (des)pertencimento. Tal sensação é facilmente percebida nos depoimentos de Aurach, ao retratar a Alemanha sombria, bem como nos de Zweig, ao falar de uma Europa destruída e do Brasil como pátria escolhida por ele. No entanto, não mais se identificam com esses lugares.

Aurach diz que as imagens fragmentadas da Alemanha lhe parecem alucinações, ele vê a Alemanha como um país atrasado, destruído, cujas pessoas possuem rostos belíssimos e ao mesmo tempo terríveis (SEBALD, 2002, p. 181). Ele sente que é estranho em sua terra natal, não a considera mais como casa,

[...] onde começam e onde terminam as fronteiras? quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de “casa”? Como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu “pertencimento”? (HALL, 2003, p. 26)

Aurach viveu na Inglaterra boa parte da vida e descreve que o frio do inverno e os nevoeiros remetiam às sombras que a guerra deixava, “e quando no inverno emergiam de repente do nevoeiro sem que se pressentisse sua aproximação, movendo-se silenciosos e logo desaparecendo no ar branco”, Aurach continua: “para mim era sempre um espetáculo incrível que por algum motivo me abalava profundamente [...] acho que ele não gostava de responder às minhas perguntas sobre essa fase ou sobre a história anterior de sua vida” (SEBALD, 2002, p. 166).

Zweig viveu entre o Brasil e a Áustria e considerava o primeiro como um paraíso no qual viveria o resto de sua vida, mas fora perseguido e lhe negada a nacionalidade. Apesar disso, sentiu muito amor pelo Brasil, deixando suas palavras nos fragmentos: “tenho a última obrigação de dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país que é o Brasil” (DINES, 1981, p. 71). “[...] a cada dia aprendi a amar este país mais e mais” (p. 93) “[...] em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa autodestruído” (p. 131). “[...] depois de 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de

novo.” (177). “[...] Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a terra” (p.285), “[...] saúdo todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes” (p. 393).

Zweig via a Europa como estranha, terra irreconhecível. Mais tarde se decepciona com a negação do visto no Brasil. Hall aborda o sentimento do não reconhecimento:

Muitas sentem que a “terra” se tornou irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de algumas formas, interveio irrevogavelmente. (HALL, 2003, p. 27)

Tanto para o personagem de Sebald: Aurach, quanto para Zweig, essa história foi a Segunda Guerra Mundial. Zweig sentira na pele a perseguição, o desprezo, o exílio, o (des)pertencimento.

Não podemos jamais voltar para casa, voltar à cena primária enquanto momentos esquecidos de nossos começos e “autenticidade, pois há sempre algo no meio [between]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa viagem” (HALL, 2003, p. 27).

Em *Os Emigrantes*, no capítulo em estudo, o narrador encontra o estúdio do pintor Aurach, o qual trabalha dez horas por dia em suas pinturas e demonstra gostar das coisas intocadas, permitindo que a poeira tome conta de seu ambiente de trabalho. O narrador declara que nos três anos em que esteve em Manchester ao menos uma vez na semana se encontrava com Aurach, que contava muito sobre sua vida.

Aos 18 anos, em 1944, Aurach fora convocado ao exército, tendo que deixar seus estudos de Arte. Estava há 22 anos em Manchester e ainda sentia que tudo era estranho e, como forma de fuga, mantinha a mesma devoção ao trabalho. A imagem de um olho atento, concentrado (SEBALD, 2002, p. 177) acentua o olhar do artista que está em constante reinvenção.

Em suas pinturas, o pincel percorria várias vezes a tela de modo a encobrir o que pintara anteriormente e até a raspar a tela. Max Aurach representa em suas

pinturas as vivências, sombras e angústias decorrentes da deportação e morte dos pais nos campos de concentração.

[...] não apenas pintara por cima várias vezes, mas, quando a tela não aguentava mais de tanto raspar e recolocar tinta, ele destruíra e queimara o quadro diversas vezes. O desespero pela sua incapacidade, que o atormentava bastante durante o dia estendia-se cada vez mais pelas noites insones, de modo que, de tão esgotado, em breve só conseguia trabalhar aos prantos (SEBALD, 2002, p. 174).

Apesar de se recolher-se nas pinturas e expressar-se através das tintas nas telas, a cada pincelada ele esboça angústias, frustrações, medo, insegurança e isso acaba por desencadear num desgaste físico e mental, trazendo aos poucos a exaustão total.

Aurach assinala as poucas lembranças que possui da mãe, única figura feminina a qual se refere, e carrega consigo fotos e escritos que a ela pertenciam. Ao ler os papéis conhece um pouco mais a mulher que o gerou. O pintor não recordava mais das últimas palavras que trocara com os pais, não se lembrava deles no Aeroporto de Frankfurt, depois da despedida, só se recordava das paisagens. Estudou e trocou correspondências com os pais, mas em novembro de 1941, o recebimento de correspondências cessou e chega mais tarde a notícia da morte deles.

Fossem quais fossem as providências que consciente e inconscientemente tomei para me imunizar contra o sofrimento dos pais e o meu próprio, e por mais que eu conseguisse por algum tempo manter o equilíbrio emocional em meu isolamento, a infelicidade daquele meu noviciado juvenil se enraizara tão profundamente em mim que mais tarde voltou a desabrochar, dando flores perversas e recobrando-me com seu telhado de folhas venenosas que tanto sombreou e escureceu meus últimos anos (SEBALD, 2002, p.190).

O pintor deixou ao narrador fotografias e páginas manuscritas com anotações que a mãe fizera entre 1939 e 1941 em Sterwarstrasse, mencionando principalmente sua própria juventude. Em Steinach, um terço do povoado era judeu e nos escritos, há menções sobre a educação:

Estamos na escola há vários anos. É uma escola de uma só sala de aula, exclusivamente para as crianças judias da aldeia, mas não é que se entende por escola judaica [...] Uns devem treinar caligrafia, outros fazer contas ou compor uma redação ou desenhar no caderno de Geografia. Um grupo tem uma aula para treinar a acuidade visual. (SEBALD, 2002, p. 201)

Junto dos escritos, fotos da família, de Luisa Lanzberg (mãe de Aurach) e do marido. A pesquisa continua e a partir do conjunto de dados obtidos pelo narrador, ele viaja para Kissinger. Lá “A nova Sinagoga que substituíra a antiga casa de oração, uma construção pesada, meio alemã, meio bizantina da virada do século, fora demolida na Noite dos Cristais e arrasada nas semanas seguintes” (SEBALD, 2002, p. 218).

Ele visita o cemitério que parece abandonado, nem todas as inscrições podiam ser lidas nas pedras: “Fiquei no cemitério judeu até o meio-dia e andei entre as fileiras de tumbas lendo os nomes dos mortos, mas bem por fim descobri perto do portão trancado uma sepultura mais recente onde estavam os nomes de Lily e Lazarus Lanzberg e os de Fritz e Luisa Aurach” (SEBALD, 2002, p. 221).

O narrador ficara vários dias em Kissingern e em Steinach pesquisando, e revela: “senti cada vez mais que o empobrecimento espiritual me rodeava, e a falta de memória dos alemães, a habilidade com que tudo fora removido e limpo, começavam a atacar meus nervos e minha cabeça” (SEBALD, 2002, p. 222).

Ao buscar por rastros, percebera o quanto esses foram apagados, destruídos, restavam apenas ruínas de um passado que se queria esquecer, mas os danos foram tantos e para tantas vidas que mesmo com poucos vestígios, as memórias se reconstruíram.

Nas últimas páginas do capítulo o narrador revela o trabalho em reconstruir a história de Max Aurach.

Era um trabalho muito laborioso que muitas vezes empacava no mesmo ponto durante horas ou dias, e não raro voltando atrás, quando eu era constantemente atormentado por escrúpulos cada vez mais perceptíveis, que me paralisavam cada vez mais. Esses escrúpulos provavelmente tinham a ver com o objeto de minha narrativa, a que eu pensava não conseguir fazer justiça, e com a precariedade da profissão do escritor (SEBALD, 2002, p. 228).

Stefan Zweig teria sido um eterno insatisfeito (DINES, 1981, p. 139). Sua inquietação começara muito antes da tragédia, visto que em uma das cartas que envia a Friderike ele tenta explicar as causas de suas crises depressivas:

[...] não existe razão alguma para elas, nem no meu trabalho nem no fumo. É uma crise de idade ligada com a exagerada visão da realidade, um tanto desproporcional à própria idade ... não espero mais nada de mim mesmo- que venda dez mil exemplares ou 155 mil de um novo livro, é imaterial. A coisa importante seria começar algo, outro tipo de vida, outras ambições, uma diferente relação com a

existência- emigrar, não apenas no sentido estrito da palavra ... Eu gostaria, nos próximos anos, de tornar-me mais móvel - frequentes viagens, isto seria melhor para nós [...] (DINES, 1981, p.153).

Este comportamento do escritor não tinha sido entendido na época, nem por sua companheira, indicando que estas crises se tratavam de tentativas de escapar da depressão profunda, alternativa sábia e ao mesmo tempo insana para fugir da melancolia.

Sua acuidade para com a alma feminina não foi o suficiente para que fosse feliz na vida conjugal. Os dois casamentos, o primeiro com Friderike Maria Von Wintternitz (que já tinha duas filhas) e o segundo com a jovem Charlotte Elizabeth Altmann (com a qual não teve filhos), foram frustrados. Em depoimentos de Fridericke, no momento em que ela demonstrara interesse em ter um filho, Stefan ameaçou suicidar-se. O escritor austríaco eleva seu egocentrismo em muitos momentos de sua vida, Dines aponta que isto se dá por que “tudo foi fácil para Stefan, por isso com auto-flagelação, tornava tudo tão difícil” (DINES, 1981, p. 101).

A representação de Lotte é de uma mulher de 27 anos, tímida e submissa. Stefan declara: “Acreditei, ao casar com uma mulher jovem, garantir-me com uma provisão de alegria para os meus dias da velhice. Agora, no entanto, eu é que tenho que ajudá-la” (DINES, 1981, p. 282). “Em Lotte estava a “sombra trágica, quase pernicioso” (DINES, 1981, p.192). Sua reação frente à proposta do marido sobre suicídio foi de lhe dizer o quanto o amava, e que o amava mais do que a si mesma. Só queria ter a certeza de que não haveria outra saída. E assim, permanece ao lado do marido até o fim. A relação com as duas mulheres se resume nestas palavras “o casamento de 20 anos com Friderike, a sólida e ativa companheira do pacifismo [...] A ligação com Lotte, a jovem secretária, devotada e submissa, que havia criado um dilema dilacerante na alma de quem necessitava de sossego e da figura referencial de mulher forte e norteadora” (DINES, 1981, p. 57).

No final da vida, aos amigos, Zweig enviou os seguintes versos de *Os Lusíadas* de Camões:

No mar tanta tormenta e tanto dano,
tantas vezes a morte apercebida;
Na terra tanta guerra, tanto engano
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá que segura a curta vida,

Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho-da-terra tão pequeno?
(CAMÕES, Canto primeiro Estrofe 116 *apud* DINES, 198, p. 255)

Os versos condensam a situação de Zweig ao abordar a agitação e a tormenta no mar, os danos causados por isso, bem como a evidência da guerra, do engano e no quinto verso o questionamento: Onde pode acolher-se um fraco ser humano? Remetendo ao sentimento de (des)pertencimento.

Os livros de Montaigne haviam mexido muito com suas ideias, tanto que o pensamento que prevalece nestes últimos dias foi: “Quanto mais voluntária é a morte, mais bonita ela é”. A ideia da morte gerou em Zweig e sua esposa Lotte, um sentimento de vida: “Um homem agarra-se à ventura por mil razões, mesmo quando não há razão aparente. O espectro da morte gera tais espasmos de vitalidade” (DINES, 1981, p. 57).

Lotte e Stefan foram encontrados deitados em suas camas, o rosto de Stefan demonstrava tranquilidade, era como se estivesse em um sono profundo, suas mãos estão postas sobre seu próprio corpo. O óbito detectou que Lotte morreu horas mais tarde. Dines descreve a imagem dos corpos: “Lotte sobre ele, agarrada num último gesto de posse” (DINES, 1981, p. 403). Na última declaração, o retorno ao egocentrismo: “Agora está tudo em ordem: o eterno intranquilo está em paz. Coisa inverossímil: o destruído encontra-se em união íntima com o mundo” (DINES, 1981, p. 408).

A morte de ambos, apesar de violenta, não deixara violência alguma. Foram duas mortes serenas, em que marido e mulher permaneceram unidos até o fim. “Suicidas solidários são firmes, determinados. Com parceiro, comparsa- inquiridor ou submisso – o momento final é agonia à parte [...] quanto mais voluntária a morte, mais bela. A vida depende da vontade de outrem- a morte, da nossa.” (DINES, 1981, p. 398) Esta última frase traz incertezas quanto a sua autoria, confundem-se Montaigne e Zweig. Pensamentos que se misturam, personalidades que se infundiam com a leitura, autor e leitor, passaram a ser um só.

A morte foi escolhida como paradeiro para a angústia:

matou-se para serenar, fabricou um estrondo. Pretendia sossego, ganhou tormentos. Escreveu sensualmente, morreu seco. Descobriu um paraíso, premiaram-no com o desdém. Sonhava com a segurança, viveu atocaiado. Almejava a renúncia, mas não teve estofa para a marginalização integral. Descobriu seu judaísmo e enterraram-no longe dos seus. Matou-se Stefan porque desejava respeito, produziu

elogios fáceis, palavras gasosas, amáveis encômios, inclusive velhacarias. Reconheceu-se impaciente, sepultaram-no com pressa. Não conseguiu acomodar-se ao exílio, os exilados reagiram à capitulação (DINES, 1981, p. 429).

Considerações Finais

Stefan Zweig cansou-se das agitações de um mar tão turbulento, não mais suportava os enganos que a vida lhe proporcionara, nem a guerra que a tantos inocentes matara e que espalhara os sobreviventes pelo mundo. Não tinha mais pulsão para dar continuidade a sua vida, pois com ela, continuaria seu sofrimento. Esse ser humano, junto de sua esposa, tentou acolher-se em outro mundo, preferiu a tranquilidade do “céu sereno”.

Já W. G. Sebald encontrou em muitas pessoas “os próximos”, o narrador de Max Aurach e Sebald se misturam, não se sabe ao certo distinguir a quem pertence a voz em primeira pessoa. “Os próximos” lhe contaram suas histórias, preenchendo as lacunas que o silêncio do pós-guerra deixara. Os ecos que ressoaram do passado sombrio, através da partilha de outrem, imputaram a si a responsabilidade de narrar os gritos silenciosos. A experiência de escrever entre a realidade e a ficção contribuíram para a constituição dele mesmo.

A sensação de (des)pertencimento em Zweig e Aurach trouxe danos e tormentos que prevaleceram por suas vidas. Zweig não esquecia a ideia de que não pertencia à Áustria e não conseguia pertencer ao Brasil, como tanto sonhara. Da mesma forma, Aurach não se sentia pertencente à Alemanha e nem à Inglaterra, tudo lhes parecia estranho. Os danos para Zweig foram irreparáveis na vida, encontrou solução na morte. Já Sebald, tentou reparar os danos através dos ecos de outrem, e no capítulo “Max Aurach”, o protagonista termina em um hospital, com o rosto cor de cinza. “No mar tanta tormenta, e tanto dano, tantas vezes a morte apercebida! Na terra tanta guerra, tanto engano, tanta necessidade avorrecida! Onde pode acolher-se um fraco ser humano, onde terá segura a curta vida”. Os tormentos da guerra trouxeram danos ao narrador, ao protagonista Aurach, ao próprio autor Sebald e o escritor Stephan Zweig e esposa Lotte, as diferentes entidades de ambos os texto em estudo (narrador, personagem, autor e escritor) passaram a ver na devoção ao trabalho uma forma de fuga, trabalhos focados na arte: arte de pintar e arte de escrever, mas o sentimento de (des)pertencimento prevaleceu e na vida não puderam acolher-se e ter segura as suas vidas.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis. Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2000.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv. Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende [Et al.] Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**- Trad. Alain François [Et al.] Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SEBALD, W. G. **Os Emigrantes**. Rio de Janeiro: Record, 2002.